



VIOLETA



N.º 8.

Dames et Fleurs.

SETEMBRO 24.

Depois de estarmos mais sem esperanças, e quasi totalmente desacoroados de publicar nas colunas da nossa VIOLETA alguma producção literaria, emanada da pena de alguma das nossas amaveis Leitoras, elaboradas em alguma hora das suas meditações — concebida n'esses devaneios elevados do coração ; — uma nossa Patricia quiz desmentir os nossos receios — e honrou-nos com o rico e sublime escripto, que abaixo publicamos — e oferecemos a attenção pública. —

E' elle uma poesia toda d'alma e coração — é a copia dos sentimentos intimos trasladados para a escripta — é a voz profunda do coração a imprimir-se sobre o papel. —

A pequenhez do nosso jornalsinho não nos deixa tecer os devidos encamios ao escripto da nossa Patricia — porém nós lh'o agradecemos — e d'aqui mesmo lhe damos os nossos sinceros emboras pela sublimidade e poesia da

BOLHETIM

Conversa entre uma Filha da Cidade de S. Paulo, e outra da Cidade de Santos.

AS DUAS AMIGAS.

Santista. — Toda eu sou attenção — podereis dar ja começo á enunciaçao das vossas idéas e rasões, que quero ver-me derrotada por vós — quero ver os meus argumentos, que a pouco apresentei-vos, desfeitos, como a neblina pelo sol —

Paulista. — Estou certa, que o amor que dedicaes á terra, em que nascestes, vos não cega a ponto de negardes a verdade das coisas — estou intimamente persuadida, que convireis comigo, e com a oppinião de todos, que o clima de sobre a Serra, que é o nosso de S. Paulo, é incomparavelmente melhor e superior, que essas exalações, e esses miasmas, que em Santos se chama

produçao. — e lhe pedimos, que queira continuar a mimosear-nos com seus poeticos escriptos, a fim de com elles mais perfumada e embalsamada se tornar a VIOLETA. —

Muito sentimos não poder declarar o nome da Auctora dos — MEUS PENSAMENTOS — que por modestia cobre-os sob capa de anonyma. —

MEUS PENSAMENTOS.

Do meu passado o recordar me é grato !
O meu presente só tristesa excita !
Que medonho se me antolha o meu futuro !
Meu futuro ! oh ! Céos ! — talvez de rosas
Mimosa aurora disponte-me fagueira !
Talvez... mas não de certo... antes mais facil
Craes... agros tormentos
No meu viver de amor me mande a sorte ! --
O rubim de minha rosa de ventura
Desbotou-se com o níveo de men pranto--
A lava do voleão, que me devora
Tiranna lhe crestou os debeis pétalos,

clima — estou d'isso certa e convencida, por que vos considero, como uma menina sensata e rasoavel ; e nem apaixonada que estivesseis, desconhecericis a verdade —

Que a atmosphera de S. Paulo é mais pura... beneficia e saudavel, que a de Santos, fostes vós mesma, que o confessastes — sómente a rasão que apresentastes, para preferir a cidade das vossas affeções á esta, em que morais actualmente, foi por que lá se vos offereciao mais vantagens, para com mais facilidade, e em poucos instantes se exprimentarem e gosarem diversas temperaturas atmosphericas — não nego is — — porém esse não foi o ponto da these, que tomastes para defender —

Minha Amiguinha, para vos convencer da melhoria do nosso clima sobre o voso, não me mettendo em considerações geographicas... astronomicas... medicas... philosophicas, ou

E em negra tornou a cõr do nácar --
 Em tempos venturosos... ja passados
 Quantas libações de nectar puro
 Adoçárao meus labios sequiosos
 Com o goso da ventura a mais perfeita !!
 Ignara de amor feliz vivia --
 Um dia -- triste foi -- mas de praseres
 Singelos e innocentes tinha o cunho,
 Eu o vi... e desde entao débil plantinha,
 Austrino enganador soprou-me n'haste --
 Meiga aurora sandou minha existencia,
 E orvalho matinal deo-me alimento --
 Mas o zefiro... a aurora... o mesmo orvalho
 Emanavao crueis de falsa fonte --
 E em vez de alimentar me deu a morte --
 E morte mais cruel, que o desligar-se
 Da fragil materia a triste vida --
 Foi morrer de illusão... morrer de amores
 Mais triste, que o realisar do passamento --
 Era o meu passado, azul do Céo
 De scintillantes estrellas seineado,
 Quando intiera no auge do seu brilho
 A este mundo de illusões derrama a Lua
 Seu melancolico brilhar d'encantos magicos,
 Q'a attenção dos mortaes preoccupa e encanta --
 Era o terno vibrar de acorde lira
 Offerecendo seus sons á Ignez de Byron,
 Ou aos encantos gentis de Zulieca,
 Quando esse cantor lhe fere as cordas --
 Era o bello ideal de ardente Bardo
 Quando a chama das paixões lhe escalda o peito
 Ou n'elle só d'amor tem um Vesuvio --

~~~~~

como quer que seja, que as nao saberei desenvolver, basta unicamente lembrar-vos, que as pessoas molestas vem para aqui respirar o nosso clima, afim de se restabelecerem : — e comvosoce succedeo o mesmo —

Se o clima sob cuja influencia vivieis, é preferivel, e mais saudavel, que o em que na actualidade viveis, por que para aqui viestes, e deixastes a cidade das vossas predilecções ?

*Santista.* — Acho-vos, minha Amiga, muito viva e fina nas vossas argumentações — penso, que a pesar de defender eu a verdade das coisas, por fim me levareis de vencida na questão, que ventilei, á avaliar pelo principio —

O viver a gente com pessoas illustradas, e dadas ao estudo das letras, ganha-se muito — Nada ha mais util e proficuo para a cultura da intelligencia, que a frequen-

Era a terna avesinha descuidosa  
 Sem ter outro amor mais, que seus gemidos,  
 E o copado arbustinho onde descanta  
 Doces canções de magica harmonia --  
 Era... ainda mais... o doce espreguiçar-se  
 Da fontinha casando as brandas gotas  
 Com o puro... transparente e alvo seixinho --  
 Era a rosa em botão tão nova ainda,  
 Que o verde froco, que lhe esconde a face  
 Cioso do carinim, em meio a mostra --  
 Não bastou a verdura da existencia  
 Para tiranno me crestas euro maligno !!  
 Euro ! não foi... bafejo foi de amores  
 Que me veio secar e murchar n'haste,  
 Tendo apenas meu ser mostrado á Flora,  
 Que transparentes tornou os verdes frocos  
 Para inteiros mostrar meus attrativos --  
 Acabou-se a illusão !... a tenra planta  
 Com o bafejar de amor definha e morre --  
 A aurora... o orvalho... e mesmo o brando zefiro  
 Tudo era obra do amor... e meus olgoses --  
 Amor... eis o monstro sanguinario  
 Que acerba ternou minha existencia !  
 Foi grinalda de flores meu passado --  
 De martirio capella é meu presente --  
 Meu futuro... s'amor ainda existir

Medonho me será --

Serei ditosa se olvido dos tempos  
 Nem sombras me deixar de amor no peito,

*Uma Paulista.*



cia e contacto de pessoas de saber —

*Paulista.* — Isso em vós é demasiada bondade — se acaso me sahi de melhor n'esta parte da nossa argumentação, é por estar a rasão e a verdade das cousas toda á meu favor.

Continuemos, que vos quero mostrar e manifestar a precipitação do vosso juizo á respeito das bellesas, encantos, sublimidades e poesias do meu pittoresco S. Paulo.

*Santista.* — Pois bem : — não replico, que o vosso clima seja menos saturado de particulas mephiticas, que o meu de Santos, uma vez que concordeis, como ha pouco dissetes, que nós lá estamos em melhor circunstancia e posição, afim de com mais facilidade e commodo, gosarmos de diferentes mudanças d'elle, quando precisarinos, e quizermos —

Como consequencia da pureza atmosferica da minha cidadesinha, a cupula do nos-

## Um recordar de minha terra.

Che le lagrime mie si spargan sole.

PETRARCA.

Mulher, és typo ideal, vaporoso, e ficticio; assemelhas-te por ventura ao sonho infantil, que vai rapido adejando á immensidade, depois de ter quebrado um goso, que enlevou o pensamento e prendeo o coração? E's a caso uma illusão, um fantasma que sorrio-se para mim, que affagou-me com seus carinhos, e arrojou-me no valle da tristura tão só, tão ermo, repleto de agonias? Ah! dize-me, rompe o véo que te esconde á meus olhos. E's tu uma forma de Cedar, que desceo ao prado das lagrimas para padecer tormentos, dores e máos tratos; és anjo ou cherubim que baixou do Céo para peregrinar pelo mundo, ou és a irmãa de minha infancia, que eu amava, queria, e á quem dizia meus amores, meus pesares, e sagrava um coração que só sentia a intensidade do holocausto que lhe votava bem do íntimo d'alma? Mulher, és muda, não tens uma palavra suave ou satanica, amorosa ou de ódio, que venha desligar a cadêa

so Céo é mais agradavel... diáfana... e encantadora, que a d'aqui, que continuamente está carregada de vapores e de fumos—

O Céo de S. Paulo não é como o Céo de Santos -- Aqui elle está de continuo acisentado e melancolico, e como acobertado de camadas de neblina, que o encobrem á nossos olhos, como d'elle ciosas: -- o nosso pelo contrario as vezes se veste de um azul tão bello e puro, que se assemelha á pupilla de uma linda creancinha: -- outras vezes se traja de um manto de diversas cores, que só vel-o, se nos prendem por muitas horas os olhos... a attenção e a alma —

Quando o sol apparece nas abas do horizonte com o seu manto de purpura, tudo lá parece, que se alegra -- tudo denuncia vida e contentamento: e percorre o sol seu giro diario acompanhado de uma claridade,

do meu phantasiar?...

Não sonho eu essas tranças de ébano, que cahem por um collo de jambo—formosas, ondulantes ao bafejar dos zefiros da manhã: não imaginio essas pupilas negras á voltearem-se em um circulo de jaspe—niveo como a aza do cysne, assetinando como a pétala do lirio? Mulher, és alguma estatua do cinzel de Canova sem vida, sem movimento e sem amores, que não sente o arfár de um peito que é seu, que não ouve uma voz que é sua, que não sabe que os dias, os annos, a vida correm para ella? Ah! dize, dize que minha alma vague illudida na região dos sonhos: e ella nada disse, meu Deos!

Eu contei-a absorto, enlevado n'um delirio vago e indefinido, e pensei ouvir-a conversar com os anjos, e a lhes contar mystérios. Uma vezinda fitei-lhe meus olhos a ver, se lhe sondava o seio, e lhe comprehendia os affectos. Ah! ella descria dos homens, por que erradamente julgou que a unidade simbolisava o todo, e os homens lhe parecerão esses anjos máos, que descreverá o Cantor do Paraizo perdido, sempre com o riso nos labios e o fel no coração. Eu lhe revelei o que pensava de seu

candidez, e brilho sem par —

E como é encantadora uma noite de luar passada n aquella terra tão bella? —

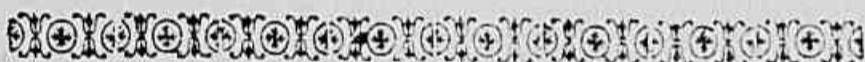
Ver o Céo todo recamado de estrellinhas, que parecem diamantes engastados na abobada celeste. — e a lua como rainha, com seu manto imperial e seu diadema de Senhora cercada de suas aias, a percorrer o espaço com magestade e socego? Oh! minha Amiguinha, nada é mais divino e arrebatador na terra, que o luar da cidade, onde nasci? —

E aqui nada d'isso tendes — A aurora sempre encontra a vossa cidade a braços com as suas neblinas cerradas — a custo o sol purifica a atmosphera, e desfaz os nevoeiros — e a custo elle se mostra em todo o seu explendor —

Os dias passão-se aqui em taciturnidade e tristeza, sem um gorjeiar de avesinhas, que amenisão as nossas mágoas, e alegria

silencio. Ella sorrio-se, e eu vi o bello marfim de seus dentes a occultar-sealem do nacar de uns labios graciosos e angelicos. Era uma mimosa houri a respirar o perfume de flores embalsamadas no jardim do propheta da Arabia: era uma fada do poeta da Persia, formosa, arrebatadora, mysteriosa e cheia de poesia: era graye singela e casta como uma virgem christãa á supplicar no templo de Deos, e já murmurar uma oração santa, profunda e melancolica por sua mae, que se finara: era inspiradora, devotada e sublime como a indiana á estancar com seus negros cabellos o sangue de seu amante, que apenas lhe dizia na solidão dos bosques— Attala — com essa concisão da palavra biblica, expressiva no revelar do pensamento.

P. A. F.

**A innocencia do beijar.**

(Offerecido a F. M. V. V.)

Desiste, Analia divina  
D'esce teu casto pudor.  
Não beija' avesinha a flôr ?

os dias -- e sem uma mudança de variedades, que encanta os nossos corações --

As noites são tambem aqui sombrías e feias — a essas horas tudo é silencio, e solidão — os luares são baços, sem fulgor — O Céo opáco e cinzento — baixo e escuro —

Não acho graça, nem encantos, nem nos arreboes da aurora, e nem nos occasos dos dias em S. Paulo —

Nada ha na terra mais divino e encantador para mim, que uma noite de luar passada na minha linda cidade de Santos — quem me déra ja poder para lá voltar — gosar das suas bellesas e attrativos —

*Paulista.* — Quando tomamos amor por una cousa, e nos acostumamos vel-a pelo prisma dos nossos affectos, nada nos agrada, senão ella — n'esse caso estais vós com o vosso Santos —

Se esse amor, que dedicais á cidade, on-

Não beija a Aurora a bonina ?  
Quando o Sol meigo s'inclina,  
Não beija as ondas tambem ?  
Se o amante em beijar tem  
O prazer mais innocent,  
Querida Analia consente :  
Deixa beijar-te, meu Bem.

O.

**CHARADA.**

No Céo, no Pego, no Inferno,  
Firme estou, mas derradeiro: [1]  
Attestando a Divindade,  
Sou aos nautas traiçoeiro. [1]

**Conceito.**

Sustentac'lo do Islamismo,  
O Egypto conquistei :  
Nova era musulmana  
Qual Khalifa ao povo dei.

**DECIFRAÇÃO DA CHARADA DO N.º ANTECEDENTE.****Guilhermina.**

de vistes a luz do dia, fosse dedicado á S. Paulo, entao S. Paulo seria a cidade das bellesas e maravilhas — a terra dos encantos e das grandesas — o paiz das magestades e da liberdade — entao S. Paulo seria differentemente visto e elogiado — porem elle tambem tem sua defensora — e ja que sufficientemente elogiastes, e manifestastes os enlevos e sublimidades da vossa cidade, por minha vez tambem deixai-me patentear-vos os encantos e maravilhas da minha —

Eu seguir-vos-hei no plano de encomios, que adoptastes para elogiardes a vossa cidade.

*Santista.* — Ouvir-vos-hei com todo o gosto — Ainda d'esta vez convencer-me-heis do contrario, do que penso? *Continua.*

F. V.